

MÍDIA E OS MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS: O VERDEJAR DO SER GLOBAL

MEDIA AND ENVIRONMENTAL MOVEMENTS: SUSTAINABLE CONSUMPTION

Magali Flores Rodrigues¹

Resumo

O presente artigo busca analisar o surgimento dos movimentos ambientalistas no mundo e também como se deu o seu surgimento no Brasil. Aliado a esse contexto, far-se-á necessário abordarmos a propagação do discurso verde, com fins de um desenvolvimento equilibrado e um consumo sustentável. Atualmente vivemos na era da tecnologia, na era da informação, onde tudo se propaga em uma velocidade absurdamente rápida. Assim, este artigo possui como objetivo analisar a influência que as novas tecnologias exercem, em especial a mídia, para um verdejar do ser global. Diante disso, o presente trabalho abordará primeiramente o surgimento dos movimentos ambientalistas a nível global, passando logo em seguida para uma análise de seu surgimento em terras tupiniquins. Após, será apresentado como surgiu o discurso verde como uma nova forma de consumo sustentável e a consequente possibilidade de a mídia ser uma mola propulsora para esse verdejar do ser.

Palavras-Chave: Desenvolvimento. Mídia. Movimentos Ambientalistas. Sustentabilidade.

Abstract

This article aims to analyze the emergence of environmental movements in the world and also how it emerged in Brazil. Allied to this context, it'll be necessary to talk about the propagation of the green discourse, with a view to balanced development and sustainable consumption. We're currently living in the age of technology, in the information age, where everything spreads at an absurdly fast speed. Thus, this article aims to analyze the influence that the new technologies exert, especially the media, for a greening of the global being. Given this, the present work will speak about the emergence of global environmental movements, passing soon afterwards for an analysis of their emergence in Tupiniquins lands. Afterwards, it will be presented how the green discourse emerged as a new form of sustainable consumption and the consequent possibility of the media being a driving force for this greening of being.

keywords: Development. Environmental Movements. Media. Sustainability.

Introdução

¹ Autora. Graduada em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Santa Maria (2016). Advogada. Pós-graduada em Direito Penal e Processo Penal. Pós-graduanda em Estudos de Gênero pela Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Atualmente, quando se fala em questões ambientais torna-se impossível não vir em mente os inúmeros grupos que lutam em prol de um ecossistema mais equilibrado. Esses grupos acabam ganhando força através dos movimentos ambientalistas.

Estes movimentos são os principais responsáveis pela disseminação dos assuntos de cunho ambiental, tanto nos meios de comunicação, quanto na agenda política da grande maioria dos partidos.

O presente artigo se propõe a analisar os movimentos ambientais em seus mais diferentes aspectos. Em um primeiro momento será analisado os aspectos que levaram os movimentos ambientalistas a surgirem no mundo.

Após, analisaremos o surgimento desses movimentos em território tupiniquim perpassando assim para a inclusão do discurso verde tanto por empresas, quanto no cenário político do país.

Por fim, buscar-se-á verificar a influência das novas tecnologias, mais precisamente da mídia como uma mola propulsora para o verdejar do ser global e o incentivo ao consumo sustentável.

Abordar tal temática é de suma importância, vez que a globalização aliada ao capitalismo induz ao desenvolvimento desenfreado, a qualquer custo. Todavia, esse crescimento a qualquer custo poderá ser, se não mudarmos nosso modo de vida, o grande responsável por uma catástrofe ambiental.

Salutar referir que não está em risco unicamente o ecossistema e a biodiversidade, a própria espécie humana está correndo sérios riscos de extinção. Enquanto o ecossistema possui uma poderosa capacidade de resiliência, a espécie humana está muito distante de conseguir tal capacidade.

1 Do surgimento dos movimentos ambientalistas

A necessidade de se debater sobre os problemas ambientais surgiu no final do século XX, motivada por uma grande crise da civilização, a qual questionou tanto a racionalidade econômica quanto a tecnológica, ambas até então dominantes.

A crise do Estado e da legitimidade, fez com que emergisse uma sociedade focada na busca de um paradigma civilizatório. Dessa feita, surgem os movimentos sociais e ambientais que acabam por tomar grande parte do cenário político, trazendo novos valores, perspectivas e métodos (LEFF, 2002, p. 150).

Ainda, os movimentos sociais ao propiciarem novos espaços de confrontação e negociação associados à apropriação da natureza, avultam inúmeras demandas de participação social e também de luta pelo poder (LEFF, 2002, p. 150-151).

Denota-se que em decorrência da crise do Estado, os movimentos sociais começam a galgar espaço e tornam-se um importante instrumento na busca por novos valores.

A humanidade despertou para o fato de que a natureza é finita e que o uso equivocado e inconsciente da biosfera ameaça não somente o ecossistema como também a própria existência humana (MCCORMICK, 1992, p. 16).

Embora a humanidade tenha despertado de maneira lenta, os primeiros registros referentes aos movimentos ambientalistas, segundo Jhon McCormick (1992, p. 16) datam do pós-guerra.

Segundo Mendes e Tybusch, a datar da década de 1960, os movimentos ambientalistas assumem papel de relevância. No entanto, é nos anos 90 que os movimentos consolidam-se nos Estados Unidos e em alguns países da Europa (MENDES; TYBUSCH, 2014).

Inicialmente, os movimentos ambientalistas limitaram-se a combater apenas a poluição e a respaldar a preservação dos recursos naturais, sem se associar a temática social. Todavia, foi na década de 80 que muitos desafios se revelaram, como por exemplo, a superação da pobreza, a participação e o controle social do desenvolvimento (MIGUEL, 2007).

Foi em 1987 que criou-se a Comissão de Brundtland, surgindo então a expressão desenvolvimento sustentável. Na época, entendeu-se pela expressão como sendo o desenvolvimento correspondente às necessidades presentes, sem, contudo, comprometer o desenvolvimento das gerações futuras (MIGUEL, 2007).

No entendimento de Leff (2002, p. 151), os movimentos ambientalistas emergem exatamente como transmissores de mudanças sociais por intermédio de conflitos que não

possibilitam ser solucionados por meio dos procedimentos jurídicos impostos pelos paradigmas dominantes, ou até mesmo pela estrutura jurídica e social.

Vê-se que o radicalismo principiante do movimento acabou por dar lugar a ações mais tolerantes e diversificadas. Os movimentos ambientalistas, nos dias de hoje, são caracterizados por uma maior flexibilidade, adaptabilidade e possuem uma maior capacidade de resposta. Essas características, os diferenciam da política até então institucionalizada.

A Revolução Industrial e a ciência moderna são tidas como os principais responsáveis pela problemática ambiental atual. Ainda, somam-se a elas outros protagonistas como o conhecimento fragmentado, a compartimentalização da realidade em campos disciplinares confinados para incrementar o êxito dos saberes científicos (LEFF, 2002, p. 60).

Corroborando ainda para a problemática ambiental atual, o acelerado processo de globalização mundial e a implementação de uma política neoliberal a qual irradiou-se a partir do governo inglês, e posteriormente, pelos países hegemônicos (BEDIN *apud* MENDES; TYBUSCH, 2014).

A partir dos protagonistas elencados por Leff, começaram os movimentos ambientais a buscarem um método que fosse capaz de reintegrar todos os conhecimentos em um campo único.

Isso se deve ao fato de que os problemas ambientais que integram os processos naturais e sociais, não podem ser compreendidos afastando a intercessão de diversas áreas do saber.

Nas palavras de Leff (2002, p. 84), “a problemática ambiental não só abre novas perspectivas para o estudo dos movimentos sociais, como também questiona e leva a reelaborar os conceitos fundamentais do materialismo histórico”.

A questão ambientalista tomou maiores proporções, conforme já aludido, em decorrência da poluição que está por levar o planeta a uma catástrofe climática devido ao efeito estufa. Soma-se também a poluição advinda da queima de combustíveis fósseis necessária para a obtenção de energia (MENDES; TYBUSCH, 2014).

Os movimentos ambientalistas podem ser considerados como sendo a expressão social de um povo, sendo que essa expressão trata-se de uma externalidade não internalizada.

Castells (1999, p. 143), caracteriza os movimentos ambientalistas como sendo plurais, tendo em vista que “as ações coletivas, políticas e os discursos agrupados sob a égide do ambientalismo são tão diversificados que torna praticamente impossível considera-lo um único movimento”.

Os movimentos ambientalistas contemporâneos possuem uma tipologia específica, agrupando-se segundo alguns critérios, conforme bem demonstra Castells (1999, p. 143).

Tipo (exemplo)	Identidade	Adversário	Objetivo
Preservação da natureza (Grupo dos Dez, EUA)	Amantes da natureza	Desenvolvimento não- controlado	Vida selvagem
Defesa do próprio espaço (Não no meu Quintal)	Comunidade local	Agentes poluidores	Qualidade de vida/ saúde
Contracultura, ecologia profunda (<i>Earth first!</i> , ecofeminismo)	O ser “verde”	Industrialismo, tecnocracia e patriarcalismo	“Ecotopia”
<i>Save the planet</i> (Greenpeace)	Internacionalistas na luta pela causa ecológica	Desenvolvimento global desenfreado	Sustentabilidade
“Política verde” (<i>Die Grünen</i>)	Cidadãos preocupados com a proteção do meio ambiente	Estabelecimento político	Oposição ao poder

Fonte: Castells, 1999, p. 143.

A maioria destes movimentos atuam, na maioria das vezes, em âmbito local, restrito, todavia, detêm confiança justificada tendo em vista que os problemas localizados também refletem no âmbito global.

No transcorrer desse artigo, muito utilizou-se do termo “ambientalismo”. Todavia, salutar é a preocupação de Castells ao diferenciar ambientalismo de ecologia, expressões que muitas vezes acabam por gerar confusão e até mesmo troca de conceitos.

Para Castells (1999, p. 143), ambientalismo é o comportamento coletivo, exteriorizado tanto por meio de discursos, quanto por atitudes/ações que visam corrigir o modo destrutivo

com que o homem se relaciona com a natureza, contrariando assim a lógica estrutural e institucional atualmente imposta.

Já por ecologia, entende-se como o conjunto de crenças, teorias e projetos que contemplam o gênero humano como parte de um ecossistema mais amplo, visando manter o equilíbrio desse sistema em uma perspectiva dinâmica e evolucionária (CASTELLS, 1999, p. 143-144).

Diante disso, pode-se compreender que ambientalismo são todas as ações desenvolvidas ou as preocupações em relação à interação humana com o meio ambiente.

Uma das características que merece maior destaque dos movimentos ambientalistas é a sua diversidade. Isso se deve ao fato do seu amplo espectro de práticas e atores, o que lhe confere um caráter multissetorial, abarcando inúmeras tendências e propostas, entre elas valores como equidade, justiça, cidadania, democracia e conservação ambiental (JACOBI, 2010).

De acordo com Castells (2010), os movimentos ambientalistas adquiriram maior destaque devido sua grande capacidade de comunicação e por ter transpassado inúmeros setores da sociedade, atingindo assim plataformas políticas e empresariais.

Ainda nas palavras de Castells (2010) o movimento ambientalista foi o que mais questionou as condições presentes na vida,

sob a chancela do movimento ecológico, veremos o desenvolvimento de lutas em torno de questões das mais diversas: extinção das espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água.

Assim, percebe-se que os movimentos ambientalistas uma grande abrangência, estando incorporadas em grandes empresas, em plataformas políticas e principalmente nos meios de comunicação.

2 Os movimentos ambientalistas no Brasil

Do mesmo modo em que os movimentos ambientalistas surgiram a nível mundial, no Brasil não foi diferente. No território brasileiro, os movimentos ambientalistas surgiram a partir de um processo cognitivo de vários agentes vindos do universo social e econômico.

No Brasil, os movimentos ambientalistas têm suas raízes alicerçadas na preocupação mundial de preservação do meio ambiente, para que assim fosse garantida a perpetuação da espécie humana. Conforme Eduardo Viola (1992, s.p), a referida preocupação advém de quatro fatores que são: crescimento populacional exponencial, depleção da base de recursos naturais, sistemas produtivos que utilizam tecnologias poluentes e de baixa eficiência energética e o sistema de valores que propiciam a expansão ilimitada do consumo material.

A partir de fatores externos e internos, os movimentos ambientalistas surgem no Brasil no final da década de 60 e início da década de 70. Para Viola (1992, s.p), o pontapé inicial se deu por meios de campanhas de denúncias de algumas associações que atuavam em âmbito local de determinadas áreas urbanas do país, em que já estavam sofrendo com os efeitos da poluição industrial.

Ainda, é nesse mesmo período que as primeiras agências ambientais são criadas no Brasil. Essa criação é decorrente da forte pressão internacional que o país sofria, em decorrência de sua deficiente atuação diplomática na Conferência de Estocolmo em 1972 (VIOLA, 1992).

Na década de 70, a grande maioria dos movimentos ambientalistas eram pontuais, estavam iniciando uma mobilização contra a construção de usinas hidrelétricas e empreendimentos de alto risco ambiental. Nesse ínterim, tais movimentos passaram a assumir posições antagônicas entre preservacionistas e os desenvolvimentistas. Esse antagonismo foi conhecido como “Milagre Brasileiro”, pois a parcela da população preservacionista optou por preferir a preservação do ecossistema em detrimento do crescimento e desenvolvimento econômico (LEIS *apud* COSTA, s.p).

Com o crescimento exponencial dos fatores que preocupavam os preservacionistas, os movimentos ambientalistas no Brasil passam a tomar corpo e ganhar força. A população iniciou uma luta, que pode até ser comparada às lutas de classe, todavia, neste caso, buscando um crescimento sustentável e conseqüentemente, a proteção da biodiversidade.

A emergência para se evitar uma possível catástrofe ambiental, fez com que surgisse um expressivo número de grupos ambientalistas na década de 80. O que no início não passava de quarenta, em 1985 passaram a somar um expressivo número, chegando a uma média de quatrocentos grupos em todo o território nacional (VIOLA; LEIS, 1995).

O ano de 1985 deve ser considerado um grande marco tanto para os movimentos ambientalistas, quanto para o meio ambiente brasileiro. O ano de 1992 foi considerado o período que marca a passagem do movimento ambientalista bissetorial para um movimento mais complexo e multissetorial. Essa transição se deve pelo fato de que a preocupação da sociedade e do governo com a crise ambiental, disseminou-se entre mais seis setores demonstrando a intersecção entre integração e institucionalização (BOEIRA, 2016, p. 181).

Viola e Leis (1995, s.p.) elencam esses setores: (1) grupos comunitários de ambientalistas de profissionais e amadores; (2) as agências estatais ambientais a nível federal, estadual e municipal; (3) os grupos socioambientalistas de ONGs, sindicatos e outros movimentos sociais preocupados; (4) os grupos de cientistas e pesquisadores de instituições universitárias preocupadas com a temática ambiental; (5) o ambientalismo dos políticos e dos partidos; (6) ambientalismos dos religiosos; (7) o ambientalismo dos empresários e (8) o ambientalismo dos educadores, jornalistas e artistas.

É possível observar que grande parte das pessoas que integravam os grupos acima elencados, detinham um elevado nível de educação, possuindo ainda noções de cidadania e política. Como vemos, não bastou uma simples denúncia – como ocorria inicialmente na década de 60 – para implementar uma consciência ecológica, foi necessário que grupos ambientalistas adentrassem no cenário político do país.

Com o crescimento dos movimentos ambientalistas em ritmo acelerado no Brasil, em 1986 é formada uma das organizações ambientais mais representativas da época, a SOS Mata Atlântica, possuindo como principal objetivo a preservação de áreas remanescentes da Mata Atlântica e a valorização da identidade física e cultural da região (BRASIL, s.a).

Com elevado crescimento e forte adesão, os movimentos ambientalistas chegam aos anos 90 com uma projeção real de problemas locais e globais, possuindo um perfil complexo, multidimensional e multissetorial, com elevada capacidade de comunicação e apropriação das

diversidades. Convém salientar que essa elevada capacidade, teve grande impulso pelas novas tecnologias e pela mídia.

Durante a década de 90, inúmeros compromissos foram firmados. Todavia, foi no ano de 2002 que foram colocados em pauta durante o Rio +10, conforme expõe MIGUEL,

Mas a discussão sobre o desenvolvimento econômico e social permeava a questão ambiental. Assim, 10 anos depois, em 2002, a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+10), em Johannesburgo, queria integrar as agendas ambientalistas e desenvolvimentistas e reavaliar os compromissos firmados em 1992 (MIGUEL, 2007).

Para Dias (2003), foi a partir dessas conferências que tornou-se possível compreender que a questão ambiental é interdisciplinar. Ela funde o conhecimento técnico científico, as normas, os valores e a cultura. Assim, é possível constatar que a solução para os problemas ambientais não é de natureza técnica, mas sim uma opção de política cultural que vise formar novos valores e promova o juízo em diversas direções.

Segundo dados informados pelo Cadastro Nacional de Entidades Ambientistas (CNEA), o Brasil conta, atualmente, com mais de 460 ONGs ambientalistas. Com isso, vemos que os movimentos ambientalistas vêm evoluindo de maneira exponencial, podendo assim atender as demandas da sociedade.

Compreende-se que esses movimentos assumiram um importante influencia na formulação e implementação de políticas públicas e principalmente na promoção de estratégias sustentáveis, unindo diversos setores entre eles o socioambiental, científico, empresarial e cultural.

3 O discurso verde como nova forma de consumo sustentável

Com o intuito de ir em busca de alternativas que propiciem e sustentem o nível de consumo, o capitalismo não repele ideias muito menos estilos de vida. Mesmo que o discurso ecológico faça uma gigantesca crítica a praticamente tudo que esteja liga ao consumo desenfreado, percebe-se um crescimento desenfreado de apelos ecológicos em bens culturais e duráveis.

É inquestionável que os movimentos ambientalistas exerceram e ainda exercem papel fundamental para a perpetuação da ideia de um consumo sustentável. Não se pode esquecer ainda que as novas tecnologias, como por exemplo a mídia, contribuem muito para esse sucesso.

Conforme Castells (1999, p. 141), somente nos anos 90, em torno de 80% da população norte-americana se diziam ambientalistas. Já na Europa, esse número somava mais de dois terços. Essa fatia da população tinha por lema o consumo preferencial de produtos que atendiam aos princípios defendidos pelo ambientalismo.

Mesmo com um crescente em relação aos adeptos do consumo sustentável, e a inserção cada vez maior do discurso verde, tal situação entra em confronto com a lógica que atualmente move o mundo. Nos dias atuais, a regra é o consumo, gerar conhecimento acaba por tornar-se uma forma de competição e a possibilidade de comunicação instantânea é tida como um insumo básico (HALL, 2002, p. 12).

A globalização acelerada acaba por apresentar diversas consequências cruéis. O aumento acelerado da pobreza e da desigualdade social no mundo, principalmente a separação norte-sul é uma das inúmeras consequências da “tão” desejada globalização (CAPRA, 2002, p. 143).

Não podemos ainda esquecer de trazer à baila uma outra consequência, a qual Vandana Shiva preocupa-se em apresentar, qual seja, a implementação de um paradigma industrial ambientalmente não sustentável (SHIVA, 2001, p. 01).

Nesse ínterim os movimentos ambientalistas apresentam-se como importantes atores, inseridos na ordem global, atuando ao mesmo tempo como um contraponto do cenário em que atuam. Assim, acabam sendo um meio de incentivar para o verdejar do ser.

A necessidade do verdejar do ser e de um discurso verde, causam impactos fortes na agenda política de governos e instituições internacionais. Ainda, fomentam a simpatia de empresas transnacionais que passam a implementar o discurso verde, visando aumentar o desejo de consumo dos seus produtos e serviços (CASTELLS, 1999, p. 153).

Com o discurso verde em voga, o cenário político viu-se na necessidade de incorporar tal prática. Hoje em dia, projetos envolvendo questões ambientais e sustentabilidade fazem parte de praticamente todos os partidos políticos, indiferente do tamanho destes.

Ainda, o discurso verde ganha evidencia na forma com que grandes empresas se comunicam com seus consumidores locais e com o mundo. O fato é que o discurso verde tornou-se uma unanimidade.

Referente ao cenário político, Castells (1999, p. 153) apresenta o Partido Verde alemão como o mais bem-sucedido exemplo de defensor do discurso verde.

A ocasião mais importante do Partido Verde alemão coincidiu com um redirecionamento partidário. Segundo Castells,

já que o partido não detinha mais monopólio de defensor da causa ambiental, pois os socialdemocratas, e até mesmo os liberais, passaram a ser mais receptivos às novas ideias apresentadas pelos movimentos sociais (CASTELLS, 1999, p. 153).

Atualmente, dentre diversos assuntos e discursos verdes que ensejam um consumo sustentável, um assunto que ganha força a nível mundial é a questão dos transgênicos e também da utilização de agrotóxicos, este último conhecido “carinhosamente” como produtos defensivos fitossanitários.

No que tange aos transgênicos, estes não são questionados quanto a sua ineficiência ou pelo seu gosto, mas sim porque ameaçam drasticamente a biodiversidade. Somado a isso, os transgênicos ainda sofrem posicionamentos contrários devido aos mais diversos efeitos e consequências nocivas à saúde que podem causar tanto no organismo do homem quanto dos animais.

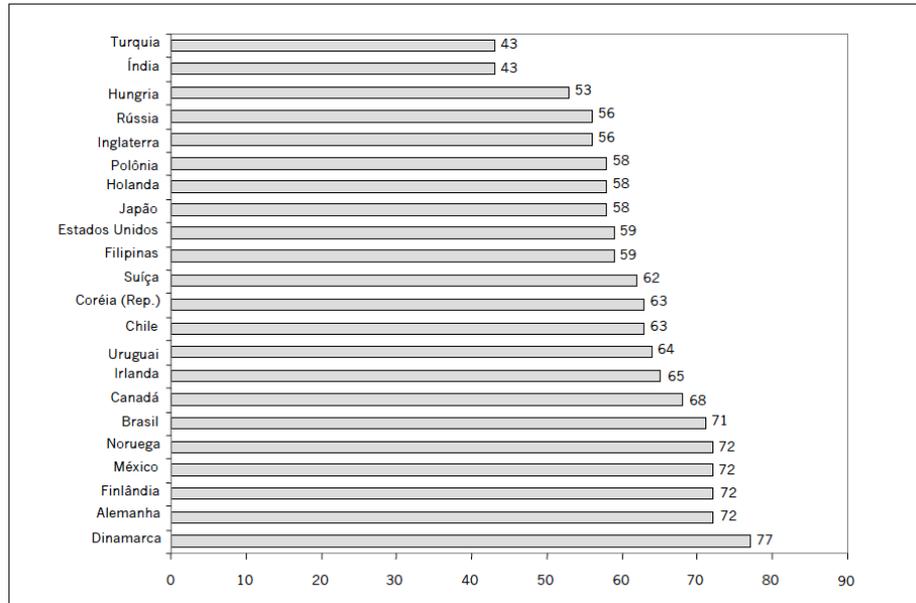
A guerra travada contra os transgênicos é semelhante àquela contra a energia nuclear nos anos 80. Da mesma forma que é hoje, na época, o discurso verde foi extremamente eficiente fazendo com que a energia nuclear fosse a menos utilizada no mundo (CAPRA, 2002, p. 245).

É inegável que o discurso verde está conseguindo atingir proporções antes inimagináveis. A cada dia que passa, mais e mais pessoas aderem ao consumo sustentável e propagam o discurso verde. O cidadão global está tomando consciência da necessidade de preservar o ecossistema em detrimento do crescimento econômico.

Uma pesquisa realizada por Samyra Crespo, pesquisadora do CNPq de MAST/RJ, vai ao encontro da expansão do discurso ver e consumo sustentável:

Meio ambiente vs crescimento econômico

Porcentagem dos que escolheram proteger o meio ambiente contra o crescimento econômico



Fonte: Crespo, 1993, p. 145.

Percebe-se que grandes nações como Estados Unidos, Rússia, Inglaterra e Índia, figuram entre os países que menos seu povo aderiu ao discurso verde, que ainda preterem o crescimento econômico. Já o Brasil aparece em os dez países que mais adeptos possuem, figurando em sexto lugar da pesquisa realizada.

Contudo o Brasil figurar em sexto lugar na pesquisa, sua colocação poderia ainda ser melhor. Em matéria veiculada no jornal O Globo, mostra que cerca de 40% da população brasileira não consomem um maior número de produtos sustentáveis devido ao alto custo (O GLOBO, 2017).

No entanto, conforme sustenta Capra (2002, p. 268), ainda no século XXI duas grandes organizações trarão uma batalha de enormes proporções. Segundo o autor, de um lado estará o capitalismo global e de outro, comunidades sustentáveis, ambas envolvendo uma rede complexa.

Diante disso, percebe-se que o discurso verde desfrutará das grandes descobertas da ciência e da tecnologia, todos agindo em prol de um consumo sustentável, propiciando o legítimo verdejar do ser.

4 A mídia como mola propulsora para o verdejar do ser global

Pretende-se, neste momento, fomentar uma discussão sobre a influencia da mídia na atualidade, buscando-se entender de que forma podem acabar por privilegiando/contribuindo para o enfoque dos movimentos ambientalistas que além de complexos e multissetoriais, acabam mostrando-se predominantemente dominantes.

Conforme foi possível verificar, os movimentos ambientalistas foram importantes protagonistas para a disseminação do discurso verde a nível mundial. Tais movimentos que nasceram com o condão de defender a natureza, apresentaram desde seu surgimento um caráter midiático, o que acabou por contribuir positivamente para sua legitimidade perante a sociedade.

Segundo Leff (2002, p. 123), o discurso sustentável divulgado pela mídia permeia-se em uma estratégia de mudanças tecnológicas e sociais. Tais mudanças estimulam a produção de conhecimento e as diferentes formas de organização social.

Ainda, segundo o autor, “o pensamento ambiental elaborou um conjunto de princípios morais e conceituais, que sustentam uma teoria alternativa de desenvolvimento (LEFF, 2002, p. 123).

Na fala da mídia, na maioria das vezes respaldado por informações de grupos ambientalistas, a natureza ainda é vista de uma forma dicotomizada, lugar da selva de luta, sendo preciso a figura do Estado.

O discurso verde, muitas vezes, é utilizado como um consenso, uma solidariedade internacional referente aos problemas ambientais, suprimindo, em parte, a responsabilidade política sobre a exploração do ecossistema.

Castells (1999, p. 159) salienta que a problemática ambiental galgou maior espaço em decorrência das publicações na mídia e também pela grande capacidade de divulgação que

possuem os movimentos ambientalistas, criando situações propícias para matérias e reportagens jornalísticas.

As organizações ambientais facilmente conseguiram adaptar-se as condições da comunicação e as novas tecnologias. Na maioria das vezes, os eventos e ações ambientais são norteados pela mídia a qual utiliza-se de imagens, fornecendo um vasto material que torna-se atrativo. Ainda utilizam-se do apelo humanista dos movimentos que possuem grande aceitação pela sociedade em geral.

Há, em tese, uma relação de ambiguidade entre o ambientalismo e a ciência e tecnologia. O que antes tratava-se de uma forte crítica a tecnologia, hoje auxilia os movimentos ambientalistas por meio do conhecimento biológico informatizado.

Segundo Castells,

Por lado, há uma profunda descrença nos benefícios proporcionados pela tecnologia. Por outro, o movimento deposita muita confiança na coleta, análise, interpretação e divulgação de informações científicas (1999, p. 154).

Ocorre que o ambiente descentralizado que a mídia proporciona, dinâmico, irrestrito, de baixo custo, auxilia na comunicação dos movimentos ambientalistas. Essa comunicação facilitada não ocorre apenas entres movimentos, mas também entre seus públicos alvo.

Para Capra (2002, p. 151), é possível comparar a sociedade global com os sistemas biológicos, tendo em vista que ambos dependem de redes de comunicação para progredirem. A comunicação além de introduzir o novo, gera instabilidade e consegue promover a evolução.

A mídia elevou-se ainda mais a partir do momento em que o mundo passou a respirar a era da globalização, momento em que o capitalismo legitimado pelos argumentos do liberalismo iniciou a busca acelerada por novos consumidores de bens duráveis e culturais (MORIN, 2003).

Diante disso, é cristalino a grande importância e influência que a mídia exerce para fomentar o consumo sustentável. Ademais, ela proporciona uma comunicação mais rápida e atinge ainda uma maior parcela de pessoas.

Conclusão

O presente artigo tinha o condão de verificar se as novas tecnologias, em especial a mídia, exerciam alguma influência para preservação da biodiversidade e o consumo sustentável. Os movimentos ambientalistas foram utilizados como protagonistas para se atingir o resultado.

Em um primeiro momento foi possível constatar que os movimentos ambientalistas em relação ao seu surgimento a nível global, surgiram no final do século XX motivados por uma imensa crise da civilização. Conforme defendido por alguns autores, os movimentos sociais e ambientais espalharam-se por grande parte do cenário político, e trouxeram novos valores, perspectivas e métodos.

Quando do seu surgimento no Brasil, no final da década de 60, seu objetivo principal era realizar denúncias em relação a algumas associações que atuavam em âmbito local de determinadas áreas urbanas do país, responsáveis pelos efeitos da poluição industrial.

Todavia, no Brasil, os movimentos ambientalistas ganharam força e o discurso verde por eles defendido passou a integrar o diálogo de grandes empresas e também da maioria dos partidos políticos. Chegou-se ao momento em que se entendeu a necessidade de preservar o meio ambiente e fruir de um consumo sustentável.

É cristalino que as novas tecnologias, em especial a mídia, exercem papel fundamento para que os movimentos ambientalistas e o discurso verde atinjam objetivos positivos. A mídia favorece que esse discurso atinja um maior número de indivíduos, tendo em vista sua capacidade de longo alcance.

No entanto, é premente a necessidade de fortalecimento ainda maior dos movimentos ambientalistas a nível global, aliados com as novas tecnologias e a mídia. Estamos vivenciando cada vez mais a importância de um desenvolvimento sustentável que propicie melhores condições ao ecossistema.

Os problemas ambientais estão cada vez mais nítidos e isso não é uma questão natural, é devido a ação do homem que a natureza está respondendo. Se seguirmos nesse ritmo muito em breve seremos os próprios responsáveis pela extinção da espécie humana.

Referências

BRASIL. **SOS Mata Atlântica**. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/quem-somos>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BOEIRA, Sérgio Luís. Ambientalismo complexo-multissetorial no Brasil: emergência e declínio na década de 1990? **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 7, n. 3, p. 170-188, jun./ jul./ago./set. 2016. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjGvtbJvdHcAhVKh5AKHd2EBP0QFjABegQICRAC&url=http%3A%2F%2Fsustenera.co%2Fjournals%2Findex.php%2Frica%2Farticle%2Fdownload%2FSPC2179-6858.2016.003.0014%2F777&usg=AOvVaw3cyPTZ8S5asozCknZwRLlh>. Acesso em: 28 jul. 2018.

CAPRA, Fritijof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. II.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. de (Org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CRESPO, Samyra. O Brasil na era verde: a consciência ecológica no país segundo pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 120-148, dez. 1993. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi85tnyytTcAhUKHpAKHbcNA8gQFjAAegQIABAC&url=https%3A%2F%2Fwww.cesop.unicamp.br%2Fvw%2F1IEiEnOMDM_MDA_ac1d4_%2F&usg=AOvVaw128eP7A2PqDgcV_u78vfVS. Acesso em: 30 jul. 2018.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JACOBI, P. Meio ambiente e redes sociais: dimensões intersetoriais e complexidade na articulação de práticas coletivas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 131-158, nov./dez. 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6353>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MCCORMICK, Jhon. **Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

MENDES, Luis Marcelo; TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. A crise ambiental e o combate dos movimentos ambientais na busca por uma nova acepção de justiça ambiental. *In: Direito Ambiental III: Encontro Nacional do Conpedi, XXIII, 2014. Anais [...]. Florianópolis: CONPEDI, 2014. p. 224-237. Disponível em:* <http://publicadireito.com.br/publicacao/ufsc/livro.php?gt=206>. Acesso em: 22 jul. 2018.

MIGUEL, Katarini Giroldo. A expressão dos movimentos ambientais na atualidade: mídia, diversidade e igualdade. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX, 2007. Anais [...]. Santos - SP: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em:* <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1143-1.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2018.

MORIN, Edgar. Uma mundialização plural. *In: MORAES, d. (Org). Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record. 2003.*

O GLOBO. Brasileiro valoriza produtos mais sustentáveis e embalagens com selos ambientais. **Jornal O Globo**, São Paulo, 13 nov. 2017. Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/brasileiro-valoriza-produtos-mais-sustentaveis-embalagens-com-selos-ambientais-22058923>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SHIVA, Vandana. El mundo en el limite. *In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (Ed.). El mundo en el límite: la vida en el capitalismo global. Tusquets, Barcelona: 2001. Disponível em:* http://observatoridesc.org/sites/default/files/05_Shiva_el_Mundo_en_el_Limite.pdf. Acesso em: 04 ago. 2018.

VIOLA, Eduardo J. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. *In: GOLDENBERG, M. (Org.). Ecologia, ciência e política. Rio de Janeiro: Revan, 1992. Disponível em:* http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000168&pid=S0103-4979200800020000700442&lng=es. Acesso em: 26 jul. 2018.

VIOLA, E. J.; LEIS, H. R. O ambientalismo multissensorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. *In: VIOLA, E. J.; LEIS, H. R.; SCHERER-WARREN, I. et al. Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 134-160.*